

CHRISTOS HATZIS: ANTROPOMORFOSE OU A ESTRUTURA ÓSSEA DO AFECTO

Por José Luís Mendonça

Em Angola, a música reparte o calor das vísceras do tempo pelos corredores da alma: ngoma (tambor), dicanza (idíofone de fricção), marimba (instrumento de toque semelhante ao xilofone), hungo (instrumento de corda única com cabaça de ressonância), quissanje (idíofone beliscado, ou piano de polegares), puíta (membranofone de fricção). Em África, impera o ritmo-emoção do próprio homem e da natureza inhóspita. Os sons levitam da seiva das árvores. Cheiram a barro, rio, pele de elefante. No Ocidente, as sonoridades têm o sabor dos deuses do mar. O violino, a viola, o violoncelo, o clarinete, o contrabaixo duplo, o piano carregam em cada nota a impressionante vibração dos pavimentos das grandes estradas, a arquitetura

rectilínea dos edifícios, a imanência da filosofia no exterior da Caverna de Platão.

Mas este mundo em que vivemos, africanos, europeus, americanos ou esquimós tem uma aura comum: um arco-íris de sete notas musicais. E é esta sonoridade lucífera que perfura a pele de cada ser humano e o leva a voar entre as nuvens do seu próprio subconsciente.

Publicado pela Da Vinci, editora musical fundada em 2015 em Osaka, por Edmondo Filippini, o mais recente álbum Antropomorfose, impregna nas suas notas toda a paixão artística de Christos Hatzis, com o olhar sereno do Canadá, terra de paz perene, onde cães de trenó permanecem atrelados à eternidade e o gelo se transmuta em carris de ferro. Antropomorfose, no quadro da interculturalidade que nos absorve, reconfigura história e humanidade em sons de finíssima textura, numa espécie de gravidez autogestionária do multiverso.

A JAM Orchestra, sob condução do Maestro Kaveh Mirhosseini e a Thirteen Strings Chamber Orchestra, dirigida pelo Mae-

stro Kevin Mallon realizam o prodígio de rasgar o véu do templo e nos transfundir entre o ritmo-emoção do homem e da natureza inhóspita de África e o sabor dos deuses do mar do Ocidente, num arco-íris de sete notas musicais.

O álbum Antropomorfose “em memória de Pouya Faragardi, e de todos quantos deram as suas vidas na luta pela dignidade e a liberdade”, nos brinda com um trabalho de quinze anos, composto de três títulos: Zeitgeist (O Espírito do Tempo, 1996), Winter Solstice (Solstício de Inverno, 2004) e Extreme Unction (Extrema União, 2011).

ZEITGEIST

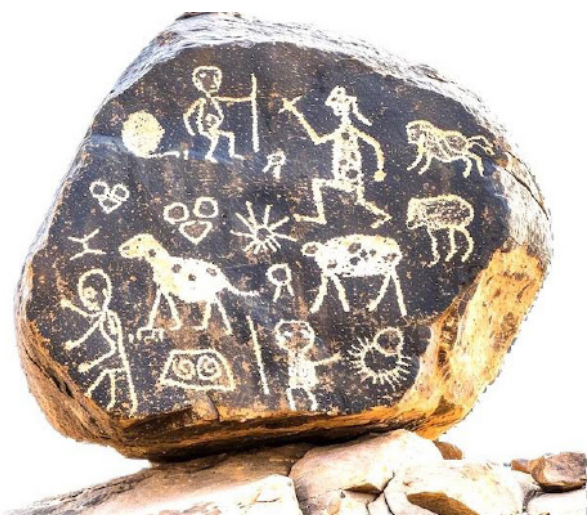
Zeitgeist percorre milénios da alma musical da civilização cristã-ocidental. A

JAM Orchestra, dirigida por Kaveh Mirhosseini reúne em cada estalido de corda mil olhos de deuses esquecidos e, em cada silêncio, uma miríade de fios de cabelos de deusas prenhes, vestidas de algas translúcidas à espera do sino do parto das mitologias contemporâneas. O toque prolongado do violoncelo abre os pulsos do livre arbítrio: a toada sangra a surpresa universal do Encontro de Civilizações. Um condor andino plana em círculos dentro da epístola que se auto escreve.

O que sobrevive é uma unha de âncora calcinada. O OVNI dessa âncora ainda manifesta no coração de cada ouvinte as pulsações do líquido amniótico do espaço interestelar, ouve-se a denteação silenciosa de uma espécie em vias de criação.

EXTREME UNCTION

O clarinete baixo de Jeff Reilly tem uma preciosa virtuosidade: não há dor na morte. O corpo se desapega de qualquer resquício de fim natural (na Natureza nada se perde – Lavoisier). É impressionante o canto sinfónico das ostras fechadas sobre o sono das sereias abandonadas pela cera



dos barcos de Ulisses. Dentro do clarinete soam latidos de Cerbero, na sua impotência devoradora de Orfeu, o poeta lírico que nos reinventa noutras eternidades: uma caminhada invisível no jardim da cidade, um trago de ácido cítrico no fio da navalha, um sermão às montanhas, aos rios e lagunas, aos sáurios e aos elefantes sem cabeça. Um brinde à saúde das borboletas, metamorfoseadas na saliva das nossas memórias futuristas.

WINTER SOLSTICE

De Inverno, os corvos vestem seus fatos de sol plúmbeo e poissam nas alturas dos grandes arranha-céus, de cujos vitrais sobre até o cílio dos meios-dias o canto mavioso dos cisnes em cristais de neve.

Cisnes brancos, corvos de sol plúmbeo e meios-dias garimpados em cada cálice de uva sobre a mesa dos operários do betão rastejam no plasma do céu.

Um cismo côncavo de brandura caminha com pés de lâ demo-lindo em cada impressão digital a cartilagem do Grande Vale do Rift. E a nostalgia do Éden reergue outro ser da costela sinfónica de Eva, a negra respiração do quissanje, da marimba, do tambor, da puíta e do hungo.

SÍNTESE

Ao contrário do que Zigmunt Bauman pensa, a modernidade não é líquida. É gasosa. E anda a morder a cauda originária desde há 14 biliões de anos. até que a Humanidade exteriorize a estrutura óssea do afecto.